GHETTO SIX. UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA "ETHNOGRAPHY-BASED"

Lorenzo Bordonaro¹
EBANOCollective

O bairro 6 de Maio na Damaia, concelho de Amadora, às portas de Lisboa, é um bairro autoconstruído, que abriga desde o final da década de 1970 uma comunidade de origem maioritariamente cabo-verdiana. O 6 de Maio está a ser demolido e vai ser destruído até 2015. Baseado num trabalho de etnografia sobre a vida no bairro, Ghetto Six utiliza materiais que sobraram das operações de demolição das casas como suportes para a inscrição de um 'retrato' do bairro, através de técnicas mistas que incluem a fotografia e a pintura. O conjunto das peças em exibição configura-se como uma instalação etnográfica inspirada nas histórias de vida dos moradores do bairro, nas contradições e violências que caracterizam hoje o Portugal pós-colonial e a Europa de Schengen. Depois da participação na exposição coletiva "Woundscapes" no Museu da Cidade de Lisboa, a instalação foi transferida para o bairro 6 de Maio e ali vai permanecer nos espaços públicos do bairro, tornando-se parte do próprio bairro até à sua destruição final.

Palavras-chave: bairros autoconstruídos, intervenção artística, migração, Cabo Verde, Portugal

O bairro 6 de Maio na Damaia, concelho de Amadora, às portas de Lisboa, é um bairro autoconstruído, que abriga desde o final da década de 1970 uma comunidade de origem maioritariamente cabo-verdiana. Estigmatizado por razões de desordem pública e de tráfico de droga e, portanto, alvo de intervenções violentas pela polícia, o bairro é lugar de memórias e de identidade para os seus moradores. O 6 de Maio está atualmente a ser demolido e vai ser completamente eliminado até 2015, enquanto a sua população está a ser realojada, segundo um esquema de saneamento urbano já aplicado a outras urbanizações espontâneas na área da grande Lisboa.

1 Apesar de não ser um projeto participativo, muitas pessoas têm-me ajudado na realização de Ghetto Six. Agradeço, de forma particular, a Júlio, Sheila, Titi, Moreno, Déo, Raul, Ivandro, Sara, Elettra, Chiara, Vítor, e Alexandra. Contato: lorenzo.bordonaro@gmail.com / www.ebanocollective.org

Ghetto Six (assim o bairro foi rebatizado pelos jovens) é uma instalação baseada no trabalho etnográfico que desenvolvi no bairro entre 2011 e 2012, sobre a quotidianidade da vida dos jovens naquele contexto². O texto que aqui apresento visa descrever sucintamente o processo de produção de *Ghetto Six* e os núcleos semânticos que se revelaram na pesquisa etnográfica e que inspiraram os elementos da instalação.

Galeria 1. As demolições no bairro 6 de Maio, e alguns dos materiais que foram utilizados para “Ghetto Six” (Fotografias de Lorenzo Bordonaro, Março de 2012).

A ideia que esteve na origem de *Ghetto Six* foi a de propor intervenções que juntem arte e pesquisa, explorando, por um lado, as sobreposições entre arte contemporânea e etnografia (Schneider e Wright 2006, 2010; Mjaaland 2009), mas também entre arte contemporânea, antropologia visual e intervenção social (Jackson 2011). Uma intervenção visual que surge de uma etnografia engajada, algo entre uma *applied visual anthropology* (Pink 2009), uma exibição experimental (Macdonald e Pasu 2007) e uma arte pública urbana.

Ghetto Six configura-se como uma instalação etnográfica inspirada nas histórias de vida dos moradores do bairro, nas contradições e violências que caracterizam hoje o Portugal pós-colonial e a Europa de Schengen. Ao mesmo tempo uma experiência de etnografia visual e uma homenagem à vida social de um bairro destinado ao desaparecimento, *Ghetto Six* pretende evocar a precariedade mas também a criatividade e a estética de uma forma de vida.

Na realização de *Ghetto Six* foram utilizados materiais que sobraram das operações de demolição das casas como suportes (painéis de vários materiais, portas, estantes, ondulados de alumínio, madeiras, etc.) e um conjunto de técnicas que incluem a fotografia, a pintura, e o stencil (ver Galeria 1).

2 A pesquisa foi financiada pela Fundação para Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto Immigrants and the social care sector: technologies of citizenship in Portugal (PTDC/CS-ANT/101179/2008) e desenvolvida no âmbito do CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Depois da participação na exposição coletiva *Woundscapes* (2012, Museu da Cidade de Lisboa, curadoria de Chiara Pussetti e Vítor Barros), a instalação foi transferida para o bairro 6 de Maio e instalada nos seus espaços públicos e aí irá permanecer até à destruição final do mesmo. Os restos da demolição voltaram assim ao seu contexto de origem, mas transformados em elementos visuais de crítica social dentro do espaço urbano (ver Galeria 2).

Galeria 2: A instalação durante a sua exibição no Museu da Cidade em Lisboa, no âmbito da exposição coletiva “Woundscapes” (fotografias de Alexandra Baixinho, Maio de 2012).

O trânsito pelo Museu da Cidade representa meramente uma fase do projeto mais amplo. De facto, é precisamente a ideia da *circulação* da instalação que revela a sua essência e que a caracteriza como intervenção no espaço urbano. Ghetto Six retira os destroços da violência perpetrada no bairro, tornando-os elementos de uma etnografia visual e deslocando-os para um lugar consagrado da arte (o Museu) para, no final, fechar o círculo, voltando ao 6 de Maio, onde é condenada ao desaparecimento (ver Galeria 3).

Ghetto Six configura-se como uma intervenção no espaço público que altera os circuitos urbanos, sobrepondo os percursos da arte, da pesquisa académica e da intervenção social. É uma forma de operação visual que se opõe ao elitismo auto-referencial de muitas tendências das artes contemporâneas, propondo uma arte crítica no sentido de uma forma de ativismo que se traduz em intervenções visuais públicas.

Como já foi salientado, na realização de Ghetto Six foram utilizados materiais que provinham das casas que iam sendo demolidas no bairro 6 de Maio. Materiais e suportes semanticamente densos, visualmente apelativos que refletem o lugar, que testemunham a relação e a presença no lugar. Portas, janelas, madeiras de móveis. Chapas de zinco e fragmentos de Eternit (fibrocimento). Materiais de uso quotidiano, nos quais se estratifica a vida social: o desgaste das madeiras, o realce do verniz, parecem traduzir à vista a história e as suas violências. “O museu é o mundo”, utilizando o título de uma recente exposição retrospectiva dedicada ao

artista brasileiro Hélio Oiticica (Oiticica Filho, 2012), cujo fascínio pela estética das favelas emerge nos seus Parangolés:

Tudo começou com a formulação do Parangolé em 1964, com toda a minha experiência com o samba, com a descoberta dos morros, da arquitetura orgânica das favelas cariocas (e conseqüentemente outras, como as palafitas do Amazonas) e principalmente das construções espontâneas, anônimas, nos grandes centros urbanos – a arte das ruas, das coisas inacabadas, dos terrenos baldios etc. (Hélio Oiticica, 4 de Março de 1968. Em Oiticica Filho 2012: 116)

Estes materiais têm uma dimensão estética: uma estética da autoconstrução, da favela, do morro. O bairro 6 de Maio guarda recantos que o artista angolano António Ole poderia desmontar e remontar em galerias de arte contemporânea em Berlim ou Nova Iorque. Os azuis fortes, os vermelhos intensos, os verdes das paredes, agora expostos nas casas destruídas. O brilho das chapas, o cinzento dos blocos de cimento. Os bocados de madeira recuperada a edificar paredes e quartos.

A escolha destes materiais é também claramente uma afirmação política, levando o observador da experiência estética para a dimensão de violência estrutural que marca a vida quotidiana no bairro 6 de Maio. Os materiais não só tornam presente a quotidianidade do seu uso, como apontam para a violência da demolição dos espaços domésticos. Testemunham a contradição violenta entre o esforço de criar uma ‘casa’ (e o trabalho do tempo sobre os materiais que converte uma habitação numa ‘casa’) e a lógica do ordenamento urbano e da missão civilizadora das instituições do estado.

A esta base material, sobrepõem-se histórias e personagens que marcaram a etnografia no bairro. Vultos, frases, ideias visuais que sintetizam e expandem o processo da pesquisa etnográfica. Apontam – às vezes de forma irónica, às vezes em tom de acusação – para os sintomas e os efeitos da violência estrutural que caracteriza a quotidianidade do bairro. Utilizei propositadamente técnicas próprias da arte de rua (spray, stencil) e cores brilhantes e fortes, que ressoassem com o cromatismo próprio do bairro e com a sua dimensão urbana e periférica.

Sem querer ‘explicar’ os elementos da instalação, quero aqui salientar os núcleos semânticos centrais na produção da mesma, situações, conceitos que contextualizem as peças e que aprofundem o seu significado:

Nacionalidade. O acesso à nacionalidade Portuguesa é para muitos jovens do bairro algo ainda complicado. Apesar de terem vivido praticamente toda a vida em território nacional (ou até terem nascido em Portugal), muitos não têm nem nacionalidade portuguesa nem autorização de residência, encontrando-se paradoxalmente, face à lei da imigração, em situação irregular. Considerando o cerco policial a esta e a outras zonas da Grande Lisboa, isto traduz-se na possibilidade concreta de receberem ordem de expulsão, e, no limite, de deportação para Cabo Verde. A dificuldade em regularizar esta situação, às vezes morosa, complicada e de êxito incerto, é motivo de grande ansiedade e dificulta, obviamente, o acesso a direitos básicos.

O que é a liberdade? Numa altura marcada pela onipresença da noção de agencialidade nas ciências sociais e na ênfase neoliberal no sujeito independente, autónomo e capaz de autodeterminação, pergunto-me: qual é a real margem de manobra para quem vive entre a marginalidade económica e a violência das instituições?.

Amianto. O amianto é atualmente considerando um material perigoso para a saúde, responsável pelo mesotelioma pulmonar, uma forma mortal de cancro. A sua utilização é proibida pela UE desde 2005. O bairro 6 de Maio foi construído ao lado de uma fábrica de papel, abandonada há anos, cujas coberturas em *Eternit* (nome comercial do fibrocimento, material construído com fibra de amianto) foram aproveitadas para os telhados de muitas casas no bairro. Hoje, muitas das antigas chapas de Eternit estão partidas e em fragmentos, tornando-se um perigo ainda maior para a saúde dos moradores. Não existem estatísticas sanitárias sobre a sua influência nos moradores do bairro.

Fuk da cops. As operações da polícia no bairro, um dos lugares de tráfico de droga mais ativo da área da Grande Lisboa, traduzem-se frequentemente em intervenções indiscriminadas e violentas. Inúmeros casos de violência policial injustificada têm sido testemunhados ao longo dos anos. Isso gera um forte antagonismo entre a população do 6 de Maio e as forças da ordem.

Onde nasceria Basquiat em Portugal? Através desta interrogação paradoxal, Ghetto Six questiona o observador sobre os lugares de produção cultural original e de real mudança de paradigmas, apontando para o papel revolucionário e criativo das margens e das periferias (reais e metafóricas) nas sociedades contemporâneas. A criatividade acontece nas margens.

Cabo Verde. A população do bairro 6 de Maio é maioritariamente cabo-verdiana ou de origem cabo-verdiana. O crioulo é a língua do bairro. Todavia, apesar da epopeia migratória ser uma das narrativas da construção da identidade nacional cabo-verdiana, na prática o desinteresse das autoridades consulares cabo-verdianas em Portugal por estas comunidades é quase completo. A demolição do bairro de Santa Filomena, recentemente mencionada nas páginas dos jornais, não gerou nenhuma reação oficial por parte das autoridades cabo-verdianas. Em Ghetto Six, a bandeira cabo-verdiana é construída com bocados de madeira recuperados no lixo.

Galeria 3. A reinstalação da exposição “Ghetto Six” no bairro 6 de Maio (fotografias de Vítor Barros, Fevereiro de 2013).

BIBLIOGRAFIA

- Pink, Sarah (org.). 2009. *Visual Interventions: Applied Visual Anthropology*. New York: Berghahn Books.
- Schneider, Arnd e Christopher Wright (orgs.). 2006. *Contemporary Art and Anthropology*. Oxford: Berg.
- ____ (orgs.). 2010. *Between Art and Anthropology: Contemporary Ethnographic Practice*. Oxford: Berg.
- Macdonald, Sharon e Paul Basu (orgs.). 2007. *Exhibition Experiments*. Malden (Mass): Wiley-Blackwell.
- Mjaaland, Thera. 2009. "Evocative Encounters: An Exploration of Artistic Practice as a Visual Research Method". *Visual Anthropology* 22 (5): 393–411.
- Jackson, Shannon. 2011. *Social Works: Performing Art, Supporting Publics*. Londres: Taylor e Francis.
- Oiticica Filho, César (Org.) 2012. *Hélio Oiticica. O museu é o mundo*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

GHETTO SIX. AN "ETHNOGRAPHY-BASED" ART INTERVENTION

The 6 de Maio is a self-built neighbourhood located in Damaia, district of Amadora, close to Lisbon. Since its origins in the 1970s it houses a community of mostly Cape Verdean origins. The 6 de Maio is being demolished and will be entirely dismantled by 2015. Based on research in the neighbourhood, Ghetto Six is an ethnography-based art installation, inspired by the life stories of the residents and the contradictions and violence of postcolonial Portugal and Schengen Europe. It employs the remains of the houses that have already been demolished as support for the inscription of a "portrait" of the neighbourhood itself, using mixed media, including photography and painting. After taking part in the collective exhibition "Woundscape" at the City Museum of Lisbon, the installation has been moved to the 6 de Maio neighbourhood, and will remain there indefinitely in the public space, becoming actual part of the built environment until the final destruction of the whole area.

Keywords: spontaneous neighbourhoods, artistic intervention, migration, Cape Verde, Portugal